Capítulo 1

VIOLET

Acabei mesmo de ganhar esta corrida?

Tudo à minha volta se move em câmara lenta. As pontiagudas orelhas negras à minha frente a levarem à brilhante crina negra que desce pelo pescoço que balança a um ritmo constante debaixo de mim. Enredo os dedos nessa crina, agarrando-me a ela como se a minha vida dependesse disso.

Espreito por cima do ombro para confirmar que cruzei a linha da meta. Que não apaguei simplesmente e perdi uma parte da corrida. Talvez ainda falte uma volta? Talvez tenha estragado tudo, como a absoluta novata que sou.

Mas, à minha volta, há outros cavalos e jóqueis a abrandar, parando. Póneis circulam em nosso redor para recolher os excitados cavalos de corrida. Oiço até palavras de felicitação dos adversários. O que é simpático, porque eu não tenho nada que estar aqui, num cavalo destes, a ganhar uma corrida tão prestigiada.

É a minha primeira corrida de *sempre* e acabo de me qualificar para o Dérbi de Denman. É pura sorte. É inaudito.

Abano a cabeça, tentando desanuviar os pensamentos, e os sons em meu redor voltam a invadir-me. Aplausos das bancadas, música de trompas pelos altifalantes, o número da nossa manta de sela a piscar no quadro do campo interior.

Conseguimos mesmo.

Deito-me sobre o seu reluzente pescoço negro, enroscando os braços nele e aninhando-me na pelagem suada. Entope-se-me a garganta de emoção e os meus olhos lacrimejam enquanto murmuro:

— Quem é o menino mais lindo?

Quando me volto a endireitar, abrandamos para um passo. Uma vez terminada a corrida, ele não fica agitado durante muito tempo. O *DD* é um grande ursinho de peluche, ainda que nem sempre tenha sido. Ainda há não muito tempo ninguém se queria aproximar dele. Mas a Billie, a sua nova treinadora, domou-o, e, de algum modo, saiu-me a sorte de o poder montar.

Relaxo e dou alguma rédea ao *DD* enquanto saímos descontraidamente da pista em direção ao círculo dos vencedores. Acho que é isso que devo fazer. A inquietação invade-me ao aperceber-me de que não sei o que fazer aqui. Oriento-me bem por Bell Point Park, mas nunca tinha ganhado uma grande corrida.

Um momento depois, o Hank, gerente do estábulo do rancho Gold Rush, aparece ao meu lado, dando-me palmadinhas na perna enquanto olha para mim com uma alegria pura e contagiante. Os seus olhos verdes, fortemente margeados por rugas, brilham de emoção.

— Parabéns, Violet. Não podia estar mais orgulhoso de ti.

Pestanejo e desvio o olhar. O Hank tem, por natureza, uma aura de pai a envolvê-lo. Ou de avô? Não sei bem, na verdade. Tem idade para estar reformado, mas ei-lo aqui, a trabalhar todos os dias na quinta como se fosse um jovem.

O sorriso com que lhe respondo é aguado. A realidade de tudo começa a abater-se sobre mim, e é avassaladora.

— Obrigada, Hank.

Ele ergue a mão e agarra as rédeas junto ao freio do *DD*.

— Calma, rapaz. — Puxa-nos para a sombra de uma árvore. — Tirem um momento, os dois, antes de irem lá para cima. A fim de respirar fundo e se orientarem.

Podia abraçá-lo agora por saber do que preciso, apesar de eu estar demasiado chocada para o perceber.

— Obrigada. — Sorrio-lhe e então fecho os olhos para o tal respirar fundo que ele recomendou.

Até há pouco tempo, era tratadora no rancho Gold Rush, às vezes cavaleira de exercício, quando a minha amiga e treinadora principal,

Billie Black, me pedia ajuda. Imagine-se a surpresa quando ela anunciou que seria eu a nova jóquei de um dos cavalos de corrida mais talentosos que alguma vez vi. Uma má corrida com o favorito local Patrick Cassel como jóquei foi quanto bastou para ela o pôr na lista negra e o substituir por mim.

Portanto, caí aqui à base de sorte, e agora tenho a certeza de que todos vão reparar e expor o meu *bluff*.

Quando sinto que parei de andar à roda, volto os ombros para trás e espeto o queixo. A respiração do *DD* abrandou e consigo ouvi-lo a roer o freio, um indicador seguro de que também se sente mais relaxado.

Fingir até atingir, Vi. Não importa como vim aqui parar. Fiz aquela corrida, e não foi fácil. Eu e o *DD* merecemos esta vitória, e vou aceitá-la graciosamente em vez de me martirizar com ideias sobre não a merecer.

— Muito bem. Estou pronta.

Com um aceno firme, o Hank estala a língua, instando o *DD* a avançar, e dirigimo-nos ao circo que é o círculo dos vencedores.

A Billie está lá, com uns grandes óculos de sol a esconder o que serão de certeza uns olhos lacrimosos. E o Vaughn, um dos dois irmãos que detêm agora o rancho Gold Rush, também está, com um braço a rodear-lhe possessivamente a cintura.

Sorrio. É óbvio que se passa algo ali. Atiro um piscar de olho à Billie no momento em que ela vem a correr abraçar-nos, a mim e ao *DD*. Balbucia algo sobre adorar-me e ter orgulho em mim. E mentiria se dissesse que os meus olhos não começam também a arder e a lacrimejar furiosamente.

— Obrigada por isto — sussurro para o seu caos de cabelo castanho enquanto me debruço para lhe retribuir o abraço.

O seguinte a aproximar-se é o Vaughn, que opta por um aperto de mão firme em vez de um abraço. O seu sorriso é amplo e genuíno, e tem o peito inchado de orgulho.

— Parabéns, Violet. Maravilhosamente montado.

— Obrigada pela oportunidade — respondo, retribuindo-lhe o sorriso como uma verdadeira maníaca. Porque, a sério, quem põe uma tratadora de vinte e seis anos sem quaisquer provas dadas num cavalo *destes* para uma corrida *destas*?

Os meus olhos dardejam quando mais alguém se aproxima de nós, mesmo ao lado do Vaughn. Arregalo os olhos, e repreendo-me interiormente. A minha expressão neutra denuncia-me. É algo que sei e que, mesmo assim, não consigo controlar. Os meus sentimentos estão constantemente escritos no rosto. Como um grande sinal de néon a piscar. E este momento não é exceção.

O homem é nitidamente o irmão mais velho do Vaughn, o Cole. Ouvi muito acerca dele, sobretudo da Billie, ao barafustar sobre o cretino que ele é e fazer piadas sobre ser um robô, o que até consigo ver, olhando para ele agora. Enquanto todos os outros estão eufóricos — festivos —, ele parece absolutamente mortífero.

Mortífero e delicioso.

Não sei se são as endorfinas a circular dentro de mim neste momento que me deixam eufórica ou se estar tão feliz mata células cerebrais, mas não consigo tirar os olhos do homem deslumbrante. Apesar de ele me fazer uma carranca, bebo-o como ao champanhe que mal posso esperar para emborcar quando este dia insano acabar.

É parecido com o Vaughn, mas totalmente diferente. Mais duro, mais imponente. Onde o Vaughn é alto e esguio, o irmão é forte e corpulento. Os ombros retesam-lhe o casaco do fato, como se o pudessem rasgar se ele os fletisse o suficiente. Desço os olhos para a sua cintura estreita e para as coxas poderosas. *Controla-te, Violet. Estás praticamente a arfar.*

Quando imaginava o irmão eremita que passa o tempo todo no seu escritório no centro da cidade, o que nunca põe os pés na quinta, não era *isto* que visualizava.

— Olá! — digo, num tom um pouco alegre demais. *Embaraçoso.* — Sou a Violet. — Estendo-lhe a mão enquanto pessoas e câmaras se aglomeram em nosso redor.

Porém, ele não me retribui o sorriso. Mantém os lábios esculturais cerrados numa linha reta, e os seus olhos cinzentos cauterizam-me onde estou, ainda sentada no dorso do *DD*. Quando fecha a mão sobre a minha, reparo em quão grande o homem é. A minha mão e o meu pulso quase desaparecem. O raspar quente da sua palma começa ao de leve, mas então ele aperta-a e aproxima-se da sela. A sua outra mão ergue-se entre nós e curva o indicador.

Uma ordem silenciosa para eu me aproximar.

O meu coração agita-se dentro do peito enquanto me inclino para ele como uma perfeita falhada. Como uma traça para uma chama.

Espero que me felicite.

Não conto é que me transporte violentamente para erros passados.

— Gosto em ver-te outra vez, Bonita de Púrpura. Quase não te reconhecia vestida.

Todo o ar que tinha nos pulmões foge-me num arquejo audível enquanto me afasto dele com um sacão.

Não.

Observo-o, esquadrinhando-lhe as feições, sentindo todo o sangue abandonar o meu rosto enquanto tento conciliá-lo com a memória de um homem que me esforcei tanto por esquecer.

Nem pensar.

Só há uma pessoa no mundo que se lembraria de me chamar assim, que teria a audácia de o dizer desta forma. Sinto as faces a arder enquanto memórias do último ano me atacam num fogo cerrado.

Essa parte de experimentação juvenil da minha vida devia ter sido só um tropeção no meu caminho para a independência total.

Essa parte da minha vida devia permanecer anónima e no passado.

Quando interrompi o contacto sem lhe dizer nada, era para ele ficar onde o deixei.

Não era suposto ele ser importante para mim.

Mas enquanto me afogo nos seus olhos cinzentos, com o circo a grassar em meu redor, apercebo-me de que ainda é.